



PIB DO AGRONEGÓCIO RECUOU 2,01% NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2026

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), recuou 2,01% no primeiro trimestre de 2026 (Tabela 1). Esse desempenho dá continuidade à tendência observada no quarto trimestre de 2025, quando o PIB apresentou retração em relação ao trimestre imediatamente anterior, interrompendo a trajetória de crescimento registrada até o terceiro trimestre daquele ano. Embora essa reversão tenha marcado uma mudança de tendência no final de 2025, o PIB do agronegócio encerrou o ano com crescimento acumulado, sustentado pelos resultados positivos observados nos três primeiros trimestres.

Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-2,15	-4,15	-1,03	-1,25	-2,01
Ramo agrícola	-1,95	-5,72	-2,31	-3,40	-3,62
Ramo pecuário	-2,76	-1,77	1,93	1,86	0,70

Fonte: Cepea/USP e CNA

Pela perspectiva dos ramos do agronegócio, a retração observada no primeiro trimestre de 2026 foi puxada principalmente pelo setor agrícola, cujo PIB recuou 3,62%, enquanto o ramo pecuário apresentou modesto crescimento de 0,70%. Considerando os segmentos que compõem o agronegócio, todos registraram queda no período: insumos (-2,15%), segmento primário (-4,15%), agroindústria (-1,03%) e agrosserviços (-1,25%).

O desempenho do segmento de insumos foi pressionado tanto pelos insumos de base agrícola (-1,95%) quanto pelos de base pecuária (-2,76%). No caso da base agrícola, a redução dos preços nas indústrias de defensivos e de máquinas agrícolas, aliada à menor produção esperada para o ano, impactou negativamente o resultado do segmento. Já na base pecuária, a retração decorreu do desempenho da indústria de ração, que foi afetada pela queda dos preços.

No segmento primário agrícola, a queda de 5,72% do PIB refletiu a projeção de redução do valor da produção em 2026. Embora se projete aumento na produção de importantes commodities, como café, cana-de-açúcar e soja, a queda dos preços mais do que compensou esse avanço produtivo. No segmento primário pecuário, por sua vez, o PIB recuou 1,77%, também em decorrência da perspectiva de menor valor da produção para o ano. Apesar do aumento esperado da produção em todas as atividades acompanhadas, a redução dos preços prevaleceu, pressionando negativamente o resultado do segmento.

Para a agroindústria, o desempenho negativo do PIB refletiu a retração das atividades de base agrícola (-2,31%), apesar do crescimento observado nas agroindústrias de base pecuária (1,93%). Nas agroindústrias agrícolas, o resultado decorreu da expectativa de redução do valor da produção, em razão dos menores preços projetados para o ano, mesmo diante de um crescimento modesto da produção. As maiores contribuições negativas vieram das indústrias de café e de açúcar. Já nas agroindústrias de base pecuária, embora se projete redução no valor da produção, o PIB apresentou crescimento em função da queda mais intensa do consumo intermediário. Como

o valor adicionado corresponde à diferença entre o valor bruto da produção e o consumo intermediário, a retração relativamente maior deste último resultou em expansão do PIB do segmento.

Os resultados dos agrosserviços refletiram o desempenho dos segmentos a montante de cada ramo. No agrícola, o PIB dos agrosserviços recuou (-3,40%), em linha com as quedas registradas nos segmentos de insumos, primário e agroindustrial. No ramo pecuário, por sua vez, o PIB dos agrosserviços avançou (1,86%), sustentado pela projeção de maior produção em todos os segmentos da cadeia, fator que contribuiu para elevar a demanda por atividades de transporte, comércio e demais serviços associados.

Considerando os desempenhos do agronegócio, de seus ramos e segmentos no primeiro trimestre, a Tabela 2 apresenta as estimativas dos valores monetários do PIB para 2026. Com base nesse desempenho parcial, projeta-se que o PIB do agronegócio brasileiro alcance R\$ 3,13 trilhões em 2026, dos quais R\$ 1,88 trilhão correspondem ao ramo agrícola e R\$ 1,25 trilhão ao ramo pecuário (a preços do primeiro trimestre de 2026). Considerando essa projeção e o comportamento esperado do PIB brasileiro no ano, estima-se que a participação do agronegócio na economia brasileira fique próxima de 22,8% em 2026, abaixo dos 25,2% registrados em 2025.

Tabela 2. PIB do Agronegócio, seus ramos e segmentos (em R\$ milhões do primeiro trimestre de 2026*)

		PIB (em R\$ milhões reais*)	
		2025	2026*
Agronegócio	Insumos	166.590	152.749
	Primário	925.347	781.185
	Agroindústria	772.237	740.977
	Agrosserviços	1.525.975	1.450.935
	Total agronegócio	3.390.148	3.125.847
Ramo agrícola	Insumos	125.165	115.705
	Primário	570.346	450.654
	Agroindústria	548.755	499.755
	Agrosserviços	932.362	811.977
	Total ramo agrícola	2.176.628	1.878.092
Ramo pecuário	Insumos	41.425	37.044
	Primário	355.000	330.530
	Agroindústria	223.482	241.222
	Agrosserviços	593.613	638.958
	Total ramo pecuário	1.213.520	1.247.755

Fonte: Cepea/USP e CNA. * Valores deflacionados pelo deflator implícito do PIB.

SEGMENTO DE INSUMOS: Retração do PIB reflete o desempenho dos insumos agrícolas e pecuários

No primeiro trimestre de 2026, o PIB do segmento de insumos apresentou retração de 2,15% (Tabela 1). O resultado refletiu quedas tanto nos insumos destinados às atividades agrícolas (-1,95%) quanto naqueles voltados às atividades pecuárias (-2,76%). A Tabela 3 detalha o desempenho de cada atividade, permitindo uma análise mais precisa de suas contribuições para o resultado do segmento.

Tabela 3. Insumos: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção – 2026/2025 com informações até março

	INSUMOS AGRÍCOLAS			INSUMOS DA PECUÁRIA	
	Fertilizantes e corret. de solo	Defensivos	Máquinas agrícolas	Rações	Medicamentos para animais
Valor	1,03	-16,73	-20,55	-14,15	3,35
Preço	-2,67	-12,72	-10,62	-16,65	-1,21
Quantidade	3,80	-4,60	-11,10	3,00	4,61

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, IEA, Anda e Sindirações).

As indústrias de fertilizantes e corretivos de solo e de defensivos agrícolas permanecem inseridas em um ambiente de elevada incerteza em 2026, marcado pelas tensões geopolíticas internacionais, pelas restrições de crédito, pelos juros elevados e pela maior cautela dos produtores rurais nas decisões de investimento. As projeções indicam crescimento de 1,03% do valor bruto da produção da indústria de fertilizantes, sustentado pela expansão do volume produzido (3,80%), apesar da retração dos preços reais (-2,67%) na comparação entre trimestres equivalentes. Já para a indústria de defensivos agrícolas, projeta-se retração de 16,73% do valor bruto da produção, refletindo reduções tanto do volume produzido (-4,60%) quanto dos preços reais (-12,72%), também na comparação entre trimestres equivalentes. Ressalta-se, contudo, que essas estimativas foram elaboradas com base nas informações disponíveis até março de 2026 e, portanto, podem não incorporar integralmente os efeitos decorrentes da intensificação recente dos conflitos no Oriente Médio sobre os preços internacionais dos fertilizantes, de seus insumos e dos custos logísticos, fatores que tendem a elevar a volatilidade do mercado e poderão alterar a trajetória dos preços e da atividade ao longo do ano.

Na indústria de máquinas agrícolas, o valor da produção deve encolher 20,55% em 2026, resultado da combinação de redução de 10,62% nos preços reais na comparação entre trimestres iguais e de queda de 11,10% na produção anual esperada. O desempenho reflete um enfraquecimento dos investimentos em máquinas agrícolas por parte dos produtores, em um contexto ainda marcado por condições de crédito restritivas, elevado custo de financiamento e redução das margens de rentabilidade dos produtores rurais, influenciada pela queda das cotações de importantes commodities agrícolas e pelo comportamento do câmbio. Diante desse cenário, muitos produtores têm adotado uma postura mais cautelosa na realização de investimentos, priorizando recursos destinados ao custeio da atividade.

Na indústria de rações para animais, conforme indica a projeção, o valor da produção deve retrair 14,15% em 2026. O resultado decorreu principalmente da redução de 16,65% nos preços reais na comparação entre trimestres iguais, uma vez que é esperado o avanço de 3,00% da produção anual. A queda dos preços é compatível com o comportamento mais favorável dos custos dos principais insumos utilizados na formulação das rações, especialmente milho e farelo de soja. Por outro lado, o crescimento da produção indica que a demanda por rações permaneceu aquecida, sustentada pela expansão das cadeias de proteína animal. Segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), a produção brasileira de rações e suplementos deverá continuar crescendo em 2026, impulsionada principalmente pelo aumento da produção de carnes de aves, suínos e bovinos, bem como pela expansão da produção de leite, ovos e organismos aquáticos. A entidade destaca ainda o avanço da pecuária intensiva, especialmente por meio dos sistemas de confinamento na bovinocultura de corte, como um dos principais vetores estruturais de crescimento da demanda por alimentação animal.

De forma geral, o desempenho das atividades que compõem o segmento de insumos continuou fortemente associado à dinâmica do setor primário, cuja evolução será detalhada na seção seguinte. No primeiro trimestre de 2026, observou-se retração dos preços reais em todas as atividades analisadas, movimento que contribuiu para reduzir os custos de produção tanto na agricultura quanto na pecuária. No ramo agrícola, a queda dos preços de fertilizantes, defensivos e máquinas agrícolas tende a favorecer os termos de troca dos produtores, embora os benefícios desse movimento tenham sido limitados pelo ambiente de crédito mais restritivo e pela redução das margens de lucro dos produtores observada em importantes culturas. Em termos de produção, enquanto a demanda por fertilizantes permaneceu sustentada pela continuidade da atividade agrícola, as indústrias de defensivos e máquinas agrícolas foram diretamente impactadas pela maior cautela dos produtores nas decisões de investimento e aquisição de insumos. No ramo pecuário, a retração dos preços das rações, associada ao comportamento mais favorável dos custos de matérias-primas como milho e farelo de soja, contribuiu para reduzir os custos de alimentação animal. Ao mesmo tempo, a expansão esperada da produção de rações reforça as perspectivas favoráveis para as cadeias de proteína animal, especialmente nos segmentos de aves, suínos e bovinos.

SEGMENTO PRIMÁRIO: Menores preços pressionam o PIB dentro da porteira

O PIB do segmento primário do agronegócio recuou 4,15% no primeiro trimestre, refletindo, em grande medida, os menores preços reais recebidos pelos produtores nos ramos agrícola e pecuário. No ramo agrícola, a queda foi de 5,72%, enquanto no pecuário o recuo foi de 1,77% (Tabela 1).

No ramo agrícola, a queda no PIB refletiu a expectativa de redução do valor da produção, decorrente principalmente dos menores preços reais observados para as culturas que compõem o segmento. Em média, os preços registraram recuo de 15,30% no primeiro trimestre de 2026 em relação ao mesmo período de 2025. Embora se projete crescimento de 3,77% na produção, esse avanço não foi suficiente para compensar a queda dos preços, resultando em retração projetada de 12,10% no valor bruto da produção anual. Entre os produtos que mais contribuíram para a expansão da produção, destacam-se o café e a soja. Por outro lado, entre aqueles que mais influenciaram a redução dos preços, destacam-se o algodão, o arroz, o café, a cana-de-açúcar, a laranja, o milho, a soja e o trigo.

No ramo pecuário, a queda também refletiu a expectativa de redução do valor da produção, decorrente principalmente dos menores preços reais observados para as atividades acompanhadas, apesar da perspectiva de aumento da produção ao longo do ano. Considerando a média ponderada dessas atividades, projeta-se uma retração de 7,28% no valor bruto da produção anual. Os preços médios observados de janeiro a março de 2026 ficaram 11,37% abaixo dos registrados no mesmo período de 2025, com quedas em todas as atividades analisadas, à exceção da bovinocultura de corte. Em contrapartida, a produção apresentou crescimento médio de 4,61%, com avanços em todas as atividades acompanhadas. Os maiores incrementos relativos foram observados na avicultura e na suinocultura de corte em comparação com 2025.

A Tabela 4 detalha os resultados específicos do segmento por atividades agrícolas. Entre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea, o valor bruto da produção em 2026 apresentou crescimento para: banana, batata, feijão e fumo. Já entre as culturas para as quais se observou queda no valor bruto da produção, foram: algodão, arroz, cacau, café, cana-de-açúcar, laranja, mandioca, milho, soja, tomate, trigo, uva, madeira em tora e para celulose e lenha/carvão.

Tabela 4. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção – 2026/2025 com informações até março

	Valor	Preço	Quantidade
Algodão	-21,22	-19,07	-2,65
Arroz	-50,48	-42,99	-13,13
Banana	14,46	16,56	-1,80
Batata	23,04	33,88	-8,10
Cacau	-67,20	-70,17	9,94
Café	-11,61	-25,08	17,98
Cana	-12,38	-16,81	5,32
Feijão	30,15	37,26	-5,18
Fumo	6,11	5,13	0,94
Laranja	-58,74	-58,58	-0,38
Mandioca	-27,41	-27,29	-0,17
Milho	-19,85	-19,29	-0,70
Soja	-4,60	-9,18	5,04
Tomate	-9,71	-9,28	-0,47
Trigo	-37,14	-22,53	-18,86
Uva	-30,35	-29,38	-1,37
Madeira tora*	-21,74	-3,62	-18,80
Madeira p/ Celulose	-9,13	-5,25	-4,10
Lenha/carvão	-7,89	-8,53	0,70

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, Cepea, Seagri/BA, Epagri, Consecana).

Com relação à cultura da banana, projeta-se avanço de 14,46% no valor bruto da produção para o ano. O avanço foi impulsionado pelo aumento de 16,56% nos preços, na comparação entre o primeiro trimestre de 2025 e o de 2026, visto a retração de 1,80% na produção esperada para 2026. De acordo com a equipe Hortifrúti/Cepea, os dois primeiros meses do ano foram marcados pelo aumento da oferta, favorecido pelas condições climáticas, especialmente pelas temperaturas elevadas e pelas chuvas, que aceleraram a maturação das frutas. Em um contexto de demanda enfraquecida pelas férias escolares, esse aumento da disponibilidade pressionou as cotações para baixo, embora os preços tenham permanecido acima dos observados no mesmo período do ano anterior. Em março, contudo, a oferta recuou nas principais regiões produtoras, enquanto a demanda foi fortalecida pelo retorno das aulas e pelo avanço das exportações. Como resultado, os preços voltaram a subir.

Para a batata, o crescimento esperado de 23,04% no valor bruto da produção em 2026 refletiu a expressiva alta de 33,88% nos preços, na comparação entre o primeiro trimestre de 2026 e o mesmo período de 2025. Em contrapartida, a produção projetada para o ano apresentou queda de 8,10%. De acordo com a equipe Hortifrúti/Cepea, o primeiro trimestre de 2026 foi marcado por elevada disponibilidade de batata, especialmente da safra das águas. Em janeiro e fevereiro, o avanço da colheita em importantes regiões produtoras manteve a oferta em níveis elevados, limitando os movimentos de alta dos preços, embora fatores climáticos pontuais tenham provocado oscilações temporárias nas cotações. Ainda assim, os preços permaneceram acima dos observados no mesmo período de 2025. Em março, a desaceleração da safra das águas reduziu a disponibilidade do produto, ao mesmo tempo em que chuvas em algumas regiões dificultaram a colheita, contribuindo para uma recuperação mais consistente dos preços.

No caso da cultura do algodão, projeta-se retração de 21,22% no valor bruto da produção em 2026. A retração combina queda esperada de 2,65% na produção com redução de 19,07% nos preços, na comparação entre o primeiro trimestre de 2026 e o mesmo período de 2025. Segundo a Conab, a menor produção reflete a redução da área plantada, com destaque para os principais estados produtores, Mato Grosso e Bahia. Essa retração decorre da menor rentabilidade da cultura, somada às incertezas econômicas e geopolíticas que afetam o mercado global. Em algumas regiões, o atraso das chuvas postergou a colheita da soja e reduziu a janela ideal para o plantio do algodão de segunda safra, favorecendo a substituição por outras culturas. Além disso, projeta-se menor produtividade.

Para além das condições climáticas adversas observadas em estados como Mato Grosso do Sul, Bahia e Piauí, a safra tem enfrentado forte pressão fitossanitária. A incidência da mosca-branca tem comprometido não apenas o rendimento das lavouras, mas também a qualidade da fibra. Com relação aos preços, a equipe Algodão/Cepea apontou que eles permaneceram relativamente estáveis em janeiro e fevereiro de 2026 no mercado brasileiro, em um contexto de baixa liquidez e negociações pontuais. A demanda cautelosa da indústria têxtil, associada aos elevados estoques mundiais da fibra e à concorrência das fibras sintéticas, limitou avanços mais expressivos das cotações. Além disso, o foco dos produtores nas exportações e na comercialização de outras culturas reduziu o ritmo dos negócios no mercado interno. Em março, contudo, os preços ganharam força. A maior atuação da indústria doméstica e das *tradings* exportadoras, aliada à firmeza dos vendedores, elevou a demanda pela pluma. Somou-se a isso a valorização observada no mercado internacional, favorecendo a recuperação das cotações no mercado brasileiro.

Para o arroz, projeta-se expressiva retração de 50,48% no valor bruto da produção em 2026. A principal causa foi a queda de 42,99% nos preços, na comparação entre o primeiro trimestre de 2026 e o mesmo período de 2025, somada à redução de 13,13% esperada para a produção no ano. Segundo a Conab, a menor produção é atribuída, sobretudo, à redução da área cultivada, tanto nos sistemas de sequeiro quanto de irrigação. Esse movimento reflete os preços mais baixos observados ao longo de 2025, que reduziram a rentabilidade dos produtores, os elevados estoques e o maior custo do crédito. Somam-se a esses fatores condições climáticas menos favoráveis em parte das lavouras. De acordo com a equipe Arroz/Cepea, os preços do arroz iniciaram 2026 em patamares historicamente baixos, refletindo o cenário de ampla oferta e as quedas acumuladas ao longo de 2025. Em janeiro e fevereiro, o mercado registrou baixa liquidez, com produtores retraídos diante das margens negativas e dos preços considerados pouco atrativos. Ainda assim, a necessidade de reposição de estoques por parte da indústria sustentou aumentos graduais nas cotações. Em março, os preços avançaram de forma mais expressiva, impulsionados pela firme demanda industrial e pelo quadro de oferta mais restrita no mercado, embora o volume de negócios tenha permanecido limitado.

Com relação ao café, projeta-se retração de 11,61% no valor bruto da produção em 2026. O fator determinante foi a queda de 25,08% nos preços, na comparação entre o primeiro trimestre de 2026 e o mesmo período de 2025, apesar da expectativa de aumento de 17,98% na produção ao longo do ano. De acordo com a Conab, o crescimento da produção em 2026 deverá ser sustentado principalmente pelo café arábica. O maior volume produzido reflete a entrada de novas áreas em produção, o uso mais intensivo de tecnologias e insumos, além de condições climáticas favoráveis. No caso do arábica, embora a expansão da área em produção tenha contribuído para o resultado, o principal fator é o aumento da produtividade, favorecido pela bialidade positiva e pela boa distribuição das chuvas, que proporcionou adequado desenvolvimento e granação dos frutos. Para o café conilon, por sua vez, o aumento da

produção decorre principalmente da expansão da área em produção, uma vez que se projeta redução da produtividade média da cultura.

Para os preços, a equipe Café/Cepea destaca que as cotações permaneceram em patamares historicamente elevados no primeiro trimestre de 2026, embora tenham apresentado elevada volatilidade ao longo do período e ficado abaixo das observadas no mesmo trimestre de 2025. No início do ano, os preços seguiram sustentados pela restrita disponibilidade global do produto e pelos baixos estoques, fatores que mantiveram a oferta limitada. No entanto, as perspectivas de uma safra brasileira mais robusta em 2026/27 passaram a exercer pressão sobre as cotações, especialmente em fevereiro, quando os preços atingiram o menor patamar desde julho de 2025. Apesar desse movimento de baixa, os valores permaneceram elevados em termos históricos. Em março, o comportamento dos preços diferiu entre as variedades. No caso do café arábica, as cotações voltaram a subir, sustentadas pela oferta ainda restrita e pelas incertezas geopolíticas no mercado internacional. Já para o café robusta (conilon), os preços permaneceram pressionados pela maior disponibilidade da variedade e pela aproximação da colheita, fatores que ampliaram a expectativa de oferta e limitaram a recuperação das cotações.

Na cana-de-açúcar, espera-se retração de 12,38% no valor bruto da produção em 2026. A redução de 16,81% nos preços, na comparação entre períodos iguais, foi o principal fator, uma vez que a produção da cultura deve crescer 5,32% no ano. Segundo a Conab, a safra 2025/26 deverá ser a segunda maior da série histórica da Companhia, iniciada em 2005/06. Esse resultado é sustentado pela expectativa de expansão da área colhida e de aumento da produtividade média, favorecidos por condições climáticas mais adequadas ao desenvolvimento da cultura.

Para a laranja, projeta-se retração de 58,74% no valor bruto da produção em 2026. Esse resultado reflete principalmente a queda de 58,58% nos preços, na comparação entre o primeiro trimestre de 2026 e o mesmo período de 2025, enquanto a produção esperada para o ano deve recuar apenas 0,38%. Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, o mercado foi marcado pela redução gradual da oferta, à medida que a safra 2025/26 se aproximava do fim nas principais regiões produtoras. Em janeiro, os preços permaneceram sustentados pela menor disponibilidade de frutas e pela boa qualidade dos lotes tardios. Em fevereiro, apesar da continuidade da redução da oferta, as cotações recuaram, influenciadas pela queda dos preços do suco no mercado internacional. Em março, com a disponibilidade ainda mais restrita, os preços voltaram a subir, impulsionados pela escassez de frutas.

No caso do milho, a retração de 19,85% esperada para o valor bruto da produção em 2026 decorre principalmente da queda dos preços observada na comparação entre o primeiro trimestre de 2026 e o mesmo período de 2025, uma vez que a produção projetada para o ano apresenta leve redução de apenas 0,70%. Segundo a Conab, a redução da produção total de milho decorre da dificuldade de repetir os elevados níveis de produtividade e as condições climáticas excepcionalmente favoráveis observados na safra anterior, apesar da expansão da área cultivada. Para o milho primeira safra, projeta-se aumento da produção, impulsionado pela expansão da área plantada e pelos ganhos de produtividade, favorecidos pelas boas condições climáticas, pelo elevado nível de investimento tecnológico e pelo maior interesse dos produtores na cultura. Já para o milho segunda safra, espera-se redução da produção em razão da menor produtividade, embora a área cultivada tenha aumentado. Por fim, para o milho terceira safra, espera-se aumento da produção, impulsionado pela expansão da área cultivada e pelos ganhos de produtividade projetados.

De acordo com a equipe Milho/Cepea, os preços do milho apresentaram comportamentos distintos ao longo do primeiro trimestre de 2026. No primeiro bimestre, as

cotações foram pressionadas pela expectativa de ampla oferta interna, sustentada pelos elevados estoques de passagem e pelas perspectivas de uma safra maior. Contudo, a partir da segunda quinzena de fevereiro e ao longo de março, os preços avançaram diante da restrita disponibilidade do cereal no mercado *spot*, da maior demanda para recomposição de estoques e do aumento dos custos logísticos. No fim de março, as cotações voltaram a ceder, refletindo a maior disponibilidade do produto e a postura mais cautelosa dos compradores.

Para a soja, projeta-se retração de 4,60% no valor bruto da produção em 2026. Esse resultado reflete a redução de 9,18% nos preços, na comparação entre períodos iguais, apesar da expectativa de aumento de 5,04% na produção ao longo do ano. Segundo a Conab, a produção de soja na safra 2025/26 deverá atingir volume recorde. Esse resultado é sustentado pela expansão da área cultivada e pelos ganhos de produtividade observados em diversas regiões produtoras. A Companhia destaca que, apesar da instabilidade climática observada ao longo da temporada, as lavouras apresentaram elevada resiliência, mantendo níveis de produtividade superiores ou próximos aos registrados na safra anterior. Quanto aos preços, a equipe Soja/Cepea destaca que as cotações apresentaram movimentos distintos ao longo do primeiro trimestre de 2026. Em fevereiro, os preços foram pressionados pela expectativa de uma safra recorde no Brasil e pela valorização do Real frente ao dólar, fatores que reduziram a competitividade da soja brasileira no mercado internacional. Em março, contudo, as cotações voltaram a avançar, impulsionadas pela valorização do óleo de soja, pelo aumento da demanda externa e pelo fortalecimento das exportações brasileiras. Apesar da recuperação observada no final do trimestre, os preços permaneceram abaixo dos registrados no mesmo período de 2025.

Com relação ao tomate, a retração esperada de 9,71% no valor bruto da produção em 2026 decorre principalmente da queda de 9,28% nos preços, observada na comparação entre o primeiro trimestre de 2026 e o mesmo período de 2025, uma vez que a produção projetada para o ano apresenta leve recuo de 0,47%. De acordo com a equipe Hortifrúti/Cepea, o mercado foi marcado por oscilações de oferta ao longo do primeiro trimestre de 2026. Em janeiro, a menor disponibilidade do produto, decorrente de problemas climáticos e fitossanitários em importantes regiões produtoras, sustentou a elevação dos preços. Em fevereiro, a maturação acelerada das lavouras e o aumento da oferta pressionaram as cotações para baixo. Já em março, os preços voltaram a subir de forma expressiva, impulsionados pela desaceleração da safra de verão e pela redução da oferta disponível no mercado. Apesar dessas oscilações ao longo do trimestre, os preços médios permaneceram abaixo dos observados no mesmo período de 2025.

Para o trigo, projeta-se retração de 37,14% no valor bruto da produção em 2026. A retração combina queda de 22,53% nos preços com redução de 18,86% na produção esperada para o ano. Segundo a Conab, a expressiva redução da produção de trigo em 2026 decorre da menor área plantada e da queda da produtividade esperada. A retração da área reflete o menor interesse dos produtores, especialmente no Paraná e no Rio Grande do Sul, diante dos elevados custos de produção, dos resultados insatisfatórios de safras anteriores e de condições de mercado pouco atrativas no momento da decisão de plantio. Já a redução da produtividade era, em certa medida, esperada, considerando que a safra anterior registrou desempenho excepcional, estabelecendo uma base de comparação elevada.

Em relação aos preços, a equipe Trigo/Cepea aponta que, em fevereiro, os movimentos variaram entre as regiões acompanhadas, refletindo diferenças nas condições de oferta e demanda locais. Já em março, os preços avançaram de forma mais consistente, impulsionados pela valorização do trigo no mercado internacional, pela alta do dólar frente ao Real e pelas expectativas de redução da área e da produção na próxima safra. Além disso, o ritmo mais moderado de comercialização no mercado *spot* durante a entressafra, contribuiu para sustentar

as cotações. Apesar dessa recuperação, os preços permaneceram abaixo dos observados no mesmo período de 2025.

A Tabela 5 apresenta os resultados do segmento primário do ramo pecuário. No primeiro trimestre de 2026, a bovinocultura de corte foi a única atividade a registrar crescimento do valor bruto da produção, enquanto as demais atividades acompanhadas pelo Cepea apresentaram retração no período. A seguir, são apresentadas análises detalhadas dos fatores que influenciaram o desempenho de cada atividade.

Tabela 5. Pecuária: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2026/2025 com informações até março

	Valor	Preço	Quantidade
Boi gordo para corte	3,49	0,34	3,14
Frango/galinha para corte	-4,74	-15,20	12,33
Leite	-21,41	-24,62	4,26
Ovos	-25,74	-26,29	0,74
Suíno para corte	-10,10	-17,74	9,29

Fonte: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do Cepea e IBGE).

Na bovinocultura de corte, a projeção indica o crescimento de 3,49% do valor da produção, resultado da combinação de estabilidade dos preços reais na comparação entre o primeiro trimestre de 2026 e o mesmo período do ano anterior (+0,34%) e da expectativa de aumento de 3,14% da produção ao longo do ano. O desempenho da atividade reflete um cenário de demanda aquecida, tanto no mercado doméstico quanto internacional, que tem contribuído para sustentar os preços do gado para abate. Segundo análises da equipe Boi/Cepea, as exportações brasileiras de carne bovina iniciaram 2026 em ritmo elevado, registrando recordes de embarques nos primeiros meses do ano, enquanto a oferta de animais permaneceu relativamente restrita em diversas regiões produtoras. As boas condições das pastagens, favorecidas pelo regime de chuvas, permitiram aos pecuaristas reter os animais por mais tempo, reduzindo a pressão de oferta sobre o mercado. Além disso, as perspectivas para 2026 permanecem favoráveis, diante da expectativa de continuidade da demanda internacional e das projeções de menor disponibilidade global de carne bovina.

Na bovinocultura leiteira, a projeção indica retração de 21,41% do valor da produção em 2026, resultado principalmente da queda de 24,62% nos preços reais observados no primeiro trimestre de 2026 em relação ao mesmo período do ano anterior, apesar da expectativa de crescimento de 4,26% da produção ao longo do ano. Segundo a equipe Leite/Cepea, o mercado iniciou 2026 ainda refletindo os efeitos da desvalorização observada a partir do segundo semestre de 2025, quando o aumento da oferta e o avanço das importações pressionaram os preços pagos ao produtor. Embora as cotações do leite cru tenham reagido ao longo do primeiro trimestre de 2026, registrando altas consecutivas em janeiro, fevereiro e março, os valores permaneceram significativamente inferiores aos registrados um ano antes. A recuperação dos preços foi impulsionada principalmente pela redução da oferta de leite nas principais bacias produtoras, decorrente da sazonalidade da produção e da maior cautela dos produtores nos investimentos da atividade, após o estreitamento das margens ao longo de 2025. Dados do Cepea mostram que o Índice de Captação de Leite (ICAP-L) acumulou queda expressiva durante o primeiro trimestre, refletindo a menor disponibilidade de matéria-prima no campo.

Na avicultura de corte, o valor da produção deve recuar 4,74%, resultado da queda expressiva de 15,20% nos preços reais observados no primeiro trimestre de 2026 em relação ao mesmo período do ano anterior, apesar da expectativa de crescimento de 12,33% da produção ao longo do ano. O desempenho da atividade reflete, principalmente, o ambiente de elevada oferta observado no mercado avícola no início de 2026, que pressionou as cotações do frango vivo. Segundo a equipe Frango/Cepea, o primeiro trimestre foi marcado por um descompasso entre a oferta e a demanda interna, resultando em retração dos preços em praticamente todos os elos da cadeia. Apesar desse cenário, as perspectivas para a atividade permanecem favoráveis. De acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a produção brasileira de carne de frango deverá continuar crescendo em 2026, sustentada pelo avanço das exportações e pela expansão do consumo doméstico. O Brasil segue como principal exportador mundial da proteína, beneficiado pela competitividade do setor e pela demanda internacional aquecida.

Na avicultura para postura, o valor da produção deve apresentar retração de 25,74% em 2026, resultado principalmente da queda de 26,29% nos preços reais observados no primeiro trimestre de 2026 em relação ao mesmo período do ano anterior, uma vez que a produção esperada para o ano apresenta leve crescimento de 0,74%. O mercado de ovos no início do ano foi marcado por elevada disponibilidade do produto e demanda enfraquecida, fatores que pressionaram as cotações em importantes regiões produtoras do País. Segundo a equipe Ovos/Cepea, os preços médios registrados em janeiro atingiram os menores patamares para o período desde 2020 em diversas praças acompanhadas pela instituição. Ao longo de fevereiro e março, observou-se recuperação parcial dos preços, impulsionada pelo aquecimento da demanda, pelo período da Quaresma e pelo ajuste da oferta em algumas regiões. Ainda assim, as cotações permaneceram abaixo das registradas no primeiro trimestre de 2025. Por outro lado, as exportações brasileiras de ovos iniciaram 2026 em ritmo elevado, registrando os maiores volumes para os meses de janeiro e fevereiro em mais de uma década, o que contribuiu para sustentar parcialmente a demanda pela proteína.

Na suinocultura de corte, o valor da produção deve apresentar retração de 10,10% em 2026, resultado da queda de 17,74% nos preços reais observados no primeiro trimestre de 2026 em relação ao mesmo período do ano anterior, apesar da expectativa de crescimento de 9,29% da produção ao longo do ano. O desempenho da atividade reflete o ambiente de menor liquidez e demanda enfraquecida observado no mercado suínico durante os primeiros meses de 2026. Segundo a equipe Suíno/Cepea, a desaceleração da demanda doméstica, característica do início do ano, somada à menor procura da indústria por animais para abate e à manutenção do ritmo de oferta, pressionou as cotações do suíno vivo em diversas regiões produtoras. Em março, o mercado também foi influenciado pelas incertezas relacionadas ao cenário geopolítico internacional e pelos efeitos da Quaresma sobre o consumo de carne suína, fatores que contribuíram para a manutenção dos preços em patamares inferiores aos observados no ano anterior. Por outro lado, as perspectivas para a atividade permanecem favoráveis. As exportações brasileiras de carne suína registraram volumes recordes nos primeiros meses de 2026, impulsionadas principalmente pela demanda de mercados asiáticos, como Filipinas, Japão e China.

SEGMENTO INDUSTRIAL: Indústria de base pressiona o desempenho do segmento

O PIB da agroindústria brasileira recuou 1,03% no primeiro trimestre de 2026 (Tabela 1). O resultado refletiu a retração de 2,31% da agroindústria de base agrícola, parcialmente compensada pelo avanço de 1,93% da agroindústria de base pecuária no período.

O desempenho da agroindústria de base agrícola foi influenciado pela queda projetada de 10,09% no valor bruto da produção em 2026. Esse resultado decorreu principalmente da redução média de 10,32% nos preços, uma vez que a produção do segmento deve permanecer relativamente estável, com leve crescimento de 0,25% no ano.

No caso das agroindústrias de base pecuária, o avanço do PIB decorre da retração mais acentuada do consumo intermediário em comparação à queda observada no valor da produção. Como o valor adicionado corresponde à diferença entre o valor bruto da produção e o consumo intermediário, a redução relativamente maior deste último resultou em expansão do PIB do segmento. Considerando a média das atividades acompanhadas, projeta-se queda de 1,89% no valor da produção, reflexo da redução de 6,23% nos preços reais, apesar do crescimento esperado de 4,63% na produção.

No acompanhamento realizado pelo Cepea para a evolução do PIB, apenas algumas indústrias de base agrícola registraram crescimento no valor bruto da produção em 2026: biocombustíveis, bebidas, e conservas de frutas, legumes e outros vegetais. Em contrapartida, as indústrias de açúcar, óleos vegetais, indústria do café, têxteis, produtos do fumo, celulose e papel, vestuário, moagem e fabricação de produtos amiláceos, outros produtos alimentares e móveis e produtos de madeira apresentaram queda no valor bruto da produção (Tabela 6).

Tabela 6. Agroindústrias de base agrícola: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2026/2025 com informações até março

	Valor	Preço	Quantidade
Produtos de madeira	-16,28	-12,24	-4,60
Móveis madeira	-3,01	-1,44	-1,60
Celulose e papel	-11,83	-8,37	-3,78
Biocombustíveis (etanol)	9,67	1,09	8,49
Têxtil (natural)	-10,98	-7,46	-3,80
Vestuários (natural)	-12,00	-5,88	-6,50
Indústria café	-21,91	-16,21	-6,80
Moagem e fabricação de produtos amiláceos	-13,73	-16,65	3,50
Conservas de frutas/legumes/outros vegetais	18,17	-3,53	22,50
Produtos do fumo	-8,41	-7,86	-0,60
Açúcar	-33,06	-32,71	-0,51
Óleos vegetais	-8,12	-9,84	1,90
Bebidas	1,66	-1,59	3,30
Outros produtos alimentares	-16,51	-13,57	-3,40

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea, IBGE e Conab).

Em relação à produção de biocombustíveis, projeta-se crescimento de 9,67% no valor da produção em 2026. Esse resultado reflete a elevação de 1,09% nos preços reais, na comparação entre o primeiro trimestre de 2026 e o mesmo período de 2025, e o aumento esperado de 8,49% na produção ao longo do ano. De acordo com a Conab, o aumento da produção de etanol é sustentado pelo crescimento esperado da oferta tanto de etanol de cana-de-açúcar quanto de etanol de milho. No caso da cana-de-açúcar, a expansão da produção reflete um ambiente de mercado mais favorável ao biocombustível, especialmente diante das tensões geopolíticas internacionais e dos preços mais elevados do petróleo, fatores que aumentam a competitividade do etanol. Já para o etanol de milho, projeta-se continuidade da trajetória de crescimento observada nos últimos anos, impulsionada pela ampliação da capacidade produtiva do setor.

Quanto aos preços, a equipe Etanol/Cepea destaca que as cotações apresentaram trajetória de queda ao longo do primeiro trimestre de 2026. Em fevereiro e março, os preços foram pressionados pela demanda enfraquecida, pela baixa liquidez no mercado e pelos ajustes típicos do encerramento da safra 2025/26. Além disso, a disponibilidade de estoques remanescentes e as expectativas de aumento da oferta de etanol, tanto de cana-de-açúcar quanto de milho, contribuíram para limitar a sustentação dos preços. Apesar desse movimento de baixa ao longo do trimestre, as cotações médias permaneceram acima das registradas no mesmo período do ano anterior.

No caso do açúcar, a retração esperada de 33,06% no valor bruto da produção em 2026 decorre principalmente da queda de 32,71% nos preços reais, observada na comparação entre o primeiro trimestre de 2026 e o mesmo período de 2025, visto que a produção projetada para o ano apresenta apenas leve redução de 0,51%. Segundo a Conab, a manutenção da produção de açúcar em patamares elevados ocorre em um contexto de preços internacionais pressionados. Nesse sentido, a equipe Açúcar/Cepea destaca que as cotações permaneceram enfraquecidas durante boa parte do primeiro trimestre de 2026, refletindo as expectativas de maior oferta global e de superávit no mercado internacional. Em fevereiro, os preços recuaram diante da postura cautelosa dos compradores, da proximidade do início da nova safra e das perspectivas de recomposição da oferta. Em março, contudo, as cotações apresentaram recuperação parcial, impulsionadas pela menor disponibilidade de produto durante a entressafra, pela recomposição de estoques por parte dos compradores e pela valorização do petróleo, que reforçou as expectativas de maior direcionamento da cana para a produção de etanol.

Para a indústria de óleos vegetais, a retração esperada de 8,12% no valor bruto da produção em 2026 decorre da redução de 9,84% nos preços reais, observada na comparação entre o primeiro trimestre de 2026 e o mesmo período de 2025, apesar do crescimento projetado de 1,90% na produção ao longo do ano. Segundo a equipe Soja/Cepea, as cotações do óleo de soja apresentaram comportamentos distintos ao longo do primeiro trimestre de 2026. Em fevereiro, os preços foram pressionados pela demanda enfraquecida no mercado doméstico, o que reduziu os prêmios de exportação e limitou as cotações internas. Em março, contudo, os preços avançaram de forma expressiva, acompanhando a valorização observada no mercado internacional. Esse movimento foi impulsionado pelo aumento das tensões no Oriente Médio, que elevou os preços do petróleo e reforçou as expectativas de maior demanda por biodiesel, ampliando a demanda por óleo de soja.

A Tabela 7 apresenta os resultados do segmento agroindustrial de base pecuária. No primeiro trimestre de 2026, observou-se retração do valor da produção em todas as atividades acompanhadas, preponderando o impacto da desvalorização dos preços reais sobre o resultado global. A seguir, são apresentadas análises detalhadas dos principais elementos que influenciaram o comportamento de cada atividade.

Tabela 7. Agroindústrias de base pecuária: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2026/2025 com informações até março

	Valor	Preço	Quantidade
Couro e calçados	-11,54	-5,64	-6,20
Abate e preparação carnes e pescado	-0,61	-5,18	5,13
Laticínios	-6,74	-10,42	4,10

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea e IBGE).

Na indústria de abate e preparação de carnes e pescado, a projeção indica leve retração de 0,61% no valor da produção, resultado da queda de 5,18% nos preços reais observados no primeiro trimestre de 2026 em relação ao mesmo período do ano anterior, parcialmente compensada pela expectativa de crescimento de 5,13% da produção ao longo do ano. O desempenho da atividade refletiu dinâmicas distintas entre as principais cadeias pecuárias. Para as carnes bovinas, a demanda internacional aquecida e os volumes recordes exportados contribuíram para sustentar a atividade industrial, embora a valorização do boi gordo tenha elevado os custos de aquisição da matéria-prima. Nas cadeias de aves e suínos, por outro lado, a expansão da oferta e o enfraquecimento das cotações dos animais para abate contribuíram para reduzir os custos de aquisição, ao mesmo tempo em que as exportações permaneceram em níveis elevados. De modo geral, o mercado externo continuou desempenhando papel importante para o segmento, favorecido pela competitividade da proteína animal brasileira e pela manutenção da demanda de importantes mercados importadores.

Na indústria de laticínios, a projeção indica retração de 6,74% no valor da produção em 2026, resultado da queda de 10,42% nos preços reais observados no primeiro trimestre de 2026 em relação ao mesmo período do ano anterior, apesar da expectativa de crescimento de 4,10% da produção ao longo do ano. Segundo a equipe Leite/Cepea, embora os preços de produtos como leite UHT, queijo muçarela e leite em pó tenham apresentado recuperação ao longo do trimestre, impulsionados pela redução da oferta de leite cru e pela maior competição entre laticínios pela matéria-prima, as cotações permaneceram abaixo dos níveis observados no mesmo período de 2025. A menor disponibilidade de leite no campo, decorrente da sazonalidade da produção e da retração da captação observada nas principais regiões produtoras, contribuiu para restringir a oferta de derivados e sustentar reajustes de preços ao longo dos meses. Ainda assim, o mercado continuou operando em um contexto de demanda cautelosa e elevados volumes de importação de lácteos, fatores que limitaram uma recuperação mais intensa das cotações.

SEGMENTO DE SERVIÇOS: Desempenho da agricultura pressiona os agrosserviços no início de 2026

No primeiro trimestre de 2026, o PIB dos serviços ligados ao agronegócio brasileiro registrou retração de 1,25%. O resultado refletiu a queda observada nos agrosserviços de base agrícola (-3,40%), parcialmente compensada pela expansão dos agrosserviços de base pecuária (1,86%).

O desempenho dos agrosserviços está diretamente associado à dinâmica dos elos anteriores da cadeia produtiva, especialmente dos segmentos primário e agroindustrial. No caso dos serviços vinculados à agricultura, a retração observada refletiu o desempenho negativo tanto do segmento primário quanto da agroindústria, que registraram quedas de 5,72% e 2,31%, respectivamente. Esse cenário reduziu o dinamismo econômico ao longo da cadeia e, consequentemente, a demanda por atividades de apoio, como transporte, armazenagem, comércio e serviços especializados – financeiros, contábeis, jurídicos e de comunicação.

Já os agrosserviços de base pecuária apresentaram crescimento no período, acompanhando o desempenho favorável da agroindústria pecuária, cujo PIB avançou 1,93% no primeiro trimestre de 2026. Embora o segmento primário tenha registrado retração (-1,77%), a expansão observada em atividades como abate e processamento de carnes, aliada ao

dinamismo de importantes cadeias exportadoras de proteína animal, contribuiu para sustentar a demanda por serviços ao longo da cadeia produtiva. Ainda assim, em razão da maior participação relativa dos agrosserviços de base agrícola na composição do segmento, a retração observada no ramo agrícola prevaleceu sobre o avanço dos serviços pecuários, resultando em queda do PIB agregado dos agrosserviços.

Com o objetivo de qualificar a análise do desempenho dos agrosserviços, apresenta-se, a seguir, um exame de diferentes indicadores conjunturais relacionados ao setor de serviços no Brasil. Esse esforço consiste na consolidação de um conjunto de informações capaz de oferecer evidências adicionais e mais detalhadas sobre a dinâmica do segmento. Para tanto, são utilizadas diferentes fontes de dados, entre as quais se destacam o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), o Banco Central do Brasil (BCB) e o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA).

As pesquisas mensais do IBGE – como a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) e a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) – permitem acompanhar o desempenho de importantes segmentos relacionados à circulação de bens e à prestação de serviços. Considerando a comparação entre a média do primeiro trimestre de 2026 e a do mesmo período de 2025, o volume de vendas do comércio atacadista especializado em alimentos, bebidas e fumo apresentou crescimento de 3,41%, enquanto o volume de vendas do comércio varejista ampliado avançou 1,92%. Esses resultados indicam continuidade da atividade comercial associada ao abastecimento e à distribuição de produtos ligados ao agronegócio.

No âmbito da PMS, o volume total de serviços prestados na economia brasileira cresceu 2,34% na comparação entre os primeiros trimestres de 2026 e 2025. A análise desagregada revela desempenho heterogêneo entre as atividades. Entre os segmentos que apresentaram expansão destacam-se os serviços de tecnologia da informação, os serviços técnico-profissionais, os serviços financeiros e o transporte rodoviário de cargas. Em contrapartida, algumas atividades registraram retração, como armazenagem e serviços auxiliares aos transportes, transporte aquaviário, atividades imobiliárias e alojamento. Embora não seja possível identificar diretamente a parcela desses serviços vinculada ao agronegócio, tais indicadores fornecem alguns indicativos sobre o ambiente econômico em que os agrosserviços estão inseridos.

O setor externo continuou exercendo papel importante na sustentação da demanda por serviços associados ao agronegócio. Dados do Agrostato/MAPA indicam que as exportações do agronegócio brasileiro cresceram 0,52% na comparação entre os primeiros trimestres de 2026 e 2025. Ainda que em ritmo mais moderado do que o observado nos últimos anos, o desempenho das exportações continuou demandando uma ampla gama de serviços logísticos, financeiros, administrativos e de apoio ao comércio exterior, especialmente nas cadeias exportadoras de grãos, carnes e produtos florestais.

Outro indicador relevante para compreender a dinâmica dos agrosserviços, particularmente no âmbito logístico, é a movimentação de cargas divulgada pela Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT). O volume de cargas total movimentado apresentou crescimento de 4,85% na comparação entre os primeiros trimestres de 2026 e 2025. O resultado evidencia a continuidade da demanda por serviços de transporte associados ao escoamento da produção agropecuária e agroindustrial, mesmo em um contexto de menor dinamismo observado em parte das cadeias agrícolas.

Ainda no campo das atividades logísticas, destacam-se as vendas de combustíveis divulgadas pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Na comparação entre os primeiros trimestres de 2026 e 2025, as vendas de óleo diesel cresceram

2,89%, sinalizando manutenção da atividade de transporte de cargas e da movimentação econômica. Em sentido oposto, as vendas de etanol registraram retração de 6,76% no período.

Outro conjunto de evidências sobre a dinâmica dos agrosserviços está relacionado às operações de crédito rural, cuja contratação mobiliza uma ampla gama de serviços financeiros, administrativos e de apoio à atividade agropecuária. Dados do Banco Central do Brasil indicam que, no primeiro trimestre de 2026, foram concedidos R\$ 67,99 bilhões em crédito rural, valor 4,47% superior ao registrado no mesmo período de 2025, quando as contratações somaram R\$ 65,09 bilhões. Apesar do crescimento observado, o cenário continuou caracterizado por custos financeiros elevados e maior seletividade na concessão de crédito. Todavia, o crescimento dos recursos contratados sugere manutenção da demanda por serviços financeiros associados ao financiamento da produção agropecuária, contribuindo para sustentar parte da atividade econômica ao longo da cadeia do agronegócio.

CONCLUSÕES

O PIB do agronegócio brasileiro registrou retração de 2,01% no primeiro trimestre de 2026, segundo estimativas do Cepea/Esalq-USP em parceria com a CNA. O resultado refletiu, principalmente, o desempenho menos favorável das cadeias agrícolas, em um contexto marcado pela redução dos preços reais de importantes produtos agropecuários na comparação com o mesmo período de 2025. Apesar da perspectiva de crescimento da produção em diversas atividades, a queda dos preços prevaleceu, pressionando a renda gerada pelo setor.

Sob a ótica dos ramos do agronegócio, o desempenho foi bastante distinto. O ramo agrícola registrou retração de 3,62%, enquanto o ramo pecuário apresentou crescimento de 0,70%. A queda observada no ramo agrícola refletiu o comportamento negativo de todos os seus segmentos: insumos (-1,95%), segmento primário (-5,72%), agroindústria (-2,31%) e agrosserviços (-3,40%). No ramo pecuário, por outro lado, embora os segmentos de insumos (-2,76%) e primário (-1,77%) tenham registrado retração, o avanço da agroindústria (1,93%) e dos agrosserviços (1,86%) foi suficiente para sustentar resultado positivo para o conjunto da cadeia.

No segmento de insumos, o resultado refletiu um ambiente de negócios mais desafiador. No ramo agrícola, destacaram-se as retrações nas indústrias de defensivos e máquinas agrícolas, influenciadas pela redução das margens de rentabilidade dos produtores, pelas restrições de crédito e pela maior cautela na realização de investimentos. No ramo pecuário, a queda do segmento esteve associada principalmente à redução dos preços das rações, movimento compatível com o comportamento mais favorável dos custos de matérias-primas como milho e farelo de soja. Ainda que a retração dos preços tenha contribuído para aliviar parte dos custos de produção, o ambiente de crédito restritivo e as incertezas relacionadas à rentabilidade das atividades continuaram limitando o dinamismo do segmento.

No segmento primário, a retração do PIB decorreu principalmente da queda dos preços reais observados em grande parte das atividades acompanhadas. No ramo agrícola, mesmo diante da expectativa de crescimento da produção de importantes culturas, como café, cana-de-açúcar e soja, a redução dos preços mais do que compensou o avanço produtivo. No ramo pecuário, a bovinocultura de corte foi a única atividade a registrar crescimento do valor da produção, sustentada pela demanda aquecida e pelo bom desempenho das exportações de carne bovina. As demais atividades apresentaram retração do valor da produção, refletindo principalmente a queda dos preços na comparação entre os primeiros trimestres de 2025 e 2026, apesar da expectativa de aumento da produção ao longo do ano.

Na agroindústria, o resultado agregado foi influenciado pela retração das atividades de base agrícola, especialmente das indústrias ligadas ao processamento de café e açúcar. No ramo pecuário, embora as projeções indiquem redução do valor bruto da produção em diversas atividades, o PIB da agroindústria apresentou crescimento em função da queda mais intensa do consumo intermediário, elevando o valor adicionado do segmento. Além disso, o desempenho das cadeias de proteína animal continuou sendo favorecido pelo avanço das exportações e pela expansão da produção de carnes bovina, suína e de frango, fatores que contribuíram para sustentar o dinamismo da indústria pecuária.

Os agrosserviços acompanharam o comportamento dos segmentos localizados a montante das cadeias produtivas. No ramo agrícola, a retração dos segmentos de insumos, produção primária e agroindústria reduziu a demanda por atividades de transporte, armazenagem, comércio e serviços especializados. No ramo pecuário, por sua vez, o crescimento da agroindústria e a expansão esperada da produção ao longo da cadeia contribuíram para sustentar a demanda por serviços.

Considerando os resultados observados até março, projeta-se que o PIB do agronegócio brasileiro alcance aproximadamente R\$ 3,13 trilhões em 2026, dos quais R\$ 1,88 trilhão correspondem ao ramo agrícola e R\$ 1,25 trilhão ao ramo pecuário, a preços do primeiro trimestre de 2026. Com base nessa estimativa e nas projeções para a economia brasileira, a participação do agronegócio no PIB nacional deverá situar-se próxima de 22,8% em 2026, abaixo dos 25,2% registrados em 2025.

ANEXO I – EVOLUÇÃO MENSAL DO PIB DO AGRONEGÓCIO

A1) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADO DO PERÍODO (EM %)

A1) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADO DO PERÍODO (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Mar-25	1,85	2,84	1,22	2,09	2,08
Apr-25	0,93	2,92	0,76	1,82	1,83
May-25	1,39	2,04	1,02	1,73	1,62
Jun-25	0,78	1,23	0,63	1,33	1,10
Jul-25	0,89	0,94	0,66	1,29	1,02
Aug-25	-0,18	1,05	0,26	1,06	0,81
Sep-25	0,28	0,78	0,36	0,96	0,73
Oct-25	-0,29	0,41	-0,06	0,33	0,23
Nov-25	-1,22	-0,56	-0,78	-0,65	-0,69
Dec-25	-1,07	-0,63	-0,58	-0,57	-0,62
Jan-26	-5,22	-15,76	-6,04	-12,75	-11,67
Feb-26	-1,43	-1,63	-0,46	-0,58	-0,87
Mar-26	-0,21	-1,40	0,08	0,03	-0,34
Acumulado (jan-mar)	-2,15	-4,15	-1,03	-1,25	-2,01
RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Mar-25	2,96	2,71	0,63	1,41	1,63
Apr-25	1,91	2,97	0,02	1,02	1,32
May-25	2,11	1,74	0,25	0,74	0,93
Jun-25	1,44	0,41	-0,43	-0,15	-0,01
Jul-25	1,50	0,22	-0,40	-0,21	-0,07
Aug-25	0,25	0,50	-0,97	-0,67	-0,41
Sep-25	0,69	0,42	-0,71	-0,49	-0,26
Oct-25	-0,09	0,02	-0,75	-0,65	-0,49
Nov-25	-1,10	-0,54	-1,06	-1,06	-0,95
Dec-25	-1,05	-0,88	-0,81	-0,96	-0,92
Jan-26	-10,91	-12,74	2,32	-2,30	-4,37
Feb-26	-1,51	-2,10	-0,88	-1,29	-1,40
Mar-26	-0,16	-2,39	-0,59	-1,09	-1,23
Acumulado (jan-mar)	-1,95	-5,72	-2,31	-3,40	-3,62
RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Mar-25	-1,36	3,05	3,00	3,43	3,04
Apr-25	-1,91	2,82	2,94	3,37	2,91
May-25	-0,60	2,56	3,28	3,61	3,05
Jun-25	-0,98	2,65	3,63	4,04	3,33
Jul-25	-0,73	2,16	3,66	3,99	3,18
Aug-25	-1,22	1,97	3,67	4,13	3,18
Sep-25	-0,71	1,40	3,33	3,54	2,68
Oct-25	-0,62	1,06	1,98	2,19	1,68
Nov-25	-1,34	-0,57	0,28	0,29	-0,06
Dec-25	-0,95	-0,19	0,32	0,34	0,09
Jan-26	11,75	-20,67	-26,73	-29,38	-24,92
Feb-26	-1,15	-0,92	0,48	0,46	0,03
Mar-26	-0,35	0,05	1,56	1,59	1,10
Acumulado (jan-mar)	-2,76	-1,77	1,93	1,86	0,70

FONTE: CEPEA/USP E CNA.

A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Mar-25	4,8%	28,5%	22,1%	44,6%	100,0%
Apr-25	4,8%	28,7%	21,9%	44,5%	100,0%
May-25	4,9%	28,5%	22,1%	44,6%	100,0%
Jun-25	4,9%	28,1%	22,2%	44,8%	100,0%
Jul-25	4,9%	27,8%	22,3%	45,0%	100,0%
Aug-25	4,9%	27,6%	22,4%	45,1%	100,0%
Sep-25	4,9%	27,5%	22,5%	45,1%	100,0%
Oct-25	4,9%	27,4%	22,6%	45,1%	100,0%
Nov-25	4,9%	27,3%	22,7%	45,1%	100,0%
Dec-25	4,9%	27,2%	22,8%	45,0%	100,0%
Jan-26	5,1%	26,1%	23,2%	45,5%	100,0%
Feb-26	4,8%	25,5%	23,6%	46,1%	100,0%
Mar-26	4,9%	25,0%	23,7%	46,4%	100,0%
RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Mar-25	5,6%	27,2%	24,3%	42,8%	100,0%
Apr-25	5,6%	27,7%	24,0%	42,7%	100,0%
May-25	5,7%	27,4%	24,2%	42,7%	100,0%
Jun-25	5,8%	27,0%	24,4%	42,8%	100,0%
Jul-25	5,9%	26,7%	24,6%	42,8%	100,0%
Aug-25	5,9%	26,7%	24,7%	42,7%	100,0%
Sep-25	5,9%	26,6%	24,8%	42,7%	100,0%
Oct-25	5,9%	26,5%	24,9%	42,7%	100,0%
Nov-25	5,8%	26,4%	25,1%	42,8%	100,0%
Dec-25	5,8%	26,2%	25,2%	42,8%	100,0%
Jan-26	6,3%	25,3%	25,7%	42,7%	100,0%
Feb-26	6,0%	24,7%	26,3%	43,1%	100,0%
Mar-26	6,2%	24,0%	26,6%	43,2%	100,0%
RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Mar-25	3,2%	182,4%	17,9%	48,0%	100,0%
Apr-25	3,1%	143,6%	17,9%	48,1%	100,0%
May-25	3,2%	116,5%	18,0%	48,3%	100,0%
Jun-25	3,2%	103,2%	18,1%	48,6%	100,0%
Jul-25	3,2%	94,9%	18,2%	48,9%	100,0%
Aug-25	3,2%	95,0%	18,3%	49,2%	100,0%
Sep-25	3,2%	99,8%	18,5%	49,3%	100,0%
Oct-25	3,3%	79,3%	18,5%	49,3%	100,0%
Nov-25	3,3%	58,2%	18,5%	49,2%	100,0%
Dec-25	3,4%	53,6%	18,5%	49,0%	100,0%
Jan-26	3,1%	44,8%	19,1%	50,3%	100,0%
Feb-26	3,0%	45,3%	19,3%	50,9%	100,0%
Mar-26	3,0%	40,5%	19,3%	51,2%	100,0%

FONTE: CEPEA/USP E CNA.

A3) PIB-VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)*

PIB Volume do Agronegócio*					
	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-0,06	5,32	0,68	1,61	2,33
Ramo Agrícola	-1,19	5,75	0,12	1,45	2,09
Ramo Pecuário	3,33	4,61	2,07	1,86	2,76

Fontes: Cepea/USP e CNA. *dados de março.

- Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

A4) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação atualmente trimestral resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária primária, agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas trimestrais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

- **PIB-renda Agronegócio** (PIB analisado pelo Cepea e pela CNA em seus relatórios): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.
- **PIB-volume Agronegócio**: PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Trimestralmente, o foco de análise é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo destes relatórios.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Vale ressaltar que, em razão da indisponibilidade do PIB para atividades individuais e com o objetivo de proporcionar uma melhor compreensão da evolução do PIB dos segmentos, analisam-se, de forma individual, as dinâmicas do VBP, da produção e dos preços de cada atividade.

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao período corrente, como também ao que se refere a períodos e anos passados. **Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado.**

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA:

Bruno Barcelos Lucchi – Diretor Técnico

Maciel Aleomir da Silva – Diretor Técnico Adjunto

Núcleo Econômico

Renato Conchon – Coordenador

Elisângela Pereira Lopes – Assessora Técnica

Fernanda Laundos da Costa – Assessora Técnica

Guilherme Augusto Costa Rios – Assessor Técnico

Isabel Mendes de Faria – Assessora Técnica

Zenaide Rodrigues Ferreira – Assessora Técnica

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Ph.D – Coordenador

Pesquisadores Macroeconomia:

Nicole Rennó Castro, Dra.

Gabriel Costeira Machado, Dr.

Felipe Miranda de Souza Almeida, Dr.

Adriana Ferreira Silva, Dra.

Arlei Luiz Fachinello, Dr.